



Fundamentos de um Design Estratégico Regenerativo

Regenerative Strategic Design Foundations

Carolina Tomaz, Mestra, Unisinos

carolinatamazbarbosa@gmail.com

Karine Freire, Doutora, Puc-Rio

redesigndevidas@gmail.com

Número da sessão temática da submissão – [3B]

Resumo

Este artigo propõe o conceito de Design Estratégico Regenerativo (DER) como uma abordagem inovadora no campo do design estratégico. A proposta substitui a visão antropocêntrica dominante por uma biocêntrica, promovendo um pensamento ecossistêmico e uma cultura regenerativa. Baseado em conceitos de Bem Viver, Ecofeminismo e Pensamento Sistêmico, o DER busca transformar práticas degenerativas em processos que respeitam e regeneram a vida. O artigo apresenta doze princípios metodológicos do DER, divididos em três dimensões: ontológica, epistemológica e metodológica. Os princípios para operação metodológica de um design estratégico regenerativo são colaborativo, solidário, decolonial, partilha justa, equitativo, diverso, inclusivo, não-violento, relacional, contextual, adaptativo e dinâmico. Operando por esses princípios metodológicos, o DER direciona a ação projetual para que os projetos contribuam para a regeneração dos ecossistemas e para futuros sustentáveis.

Palavras-chave: design regenerativo; metodologia; sustentabilidade

Abstract

This paper introduces the concept of Regenerative Strategic Design (RSD) as an innovative approach within the field of strategic design. The proposal shifts the dominant anthropocentric perspective to a biocentric one, promoting ecosystemic thinking and a regenerative culture. Grounded in the concepts of Buen Vivir, Ecofeminism, and Systems Thinking, RSD aims to transform degenerative practices into processes that respect and regenerate life. The paper presents twelve methodological principles of RSD, categorized into three dimensions: ontological, epistemological, and methodological. The principles guiding the methodological operation of regenerative strategic design are collaborative, solidarity-based, decolonial, fair sharing, equitable, diverse, inclusive, non-violent, relational, contextual, adaptive, and dynamic. By adhering to these methodological principles, RSD directs design actions so that projects contribute to the regeneration of ecosystems and the realization of sustainable futures.

Keywords: regenerative design; methodology; sustainability



1. Introdução

As pesquisas sobre Design Estratégico surgiram no início dos anos 2000, buscando promover inovações significativas, transformadoras e sociais (Manzini, 2008, 2017; Franzato et al., 2015). Diversos estudos destacam o papel do design na transição para uma sociedade sustentável e criticam a contribuição do design para a insustentabilidade (Papanek, 1970; Manzini e Jegou, 2003; Freire, 2017).

Apesar da vasta produção científica nas últimas décadas, a crise climática e a desigualdade social continuam a se agravar, impulsionadas pelo sistema capitalista industrial insustentável, ao qual o design contribui significativamente. A humanidade enfrenta um ponto de inflexão crucial para a sustentabilidade de nossa espécie (IPCC, 2022). A crise climática, a perda de biodiversidade e as desigualdades sociais se intensificam, conforme destacado no relatório da OXFAM (2024).

O ano de 2024 foi o mais quente desde o período pré-industrial, com impactos climáticos extremos em diversas regiões, incluindo o Brasil (NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, 2025; VEJA, 2023). O IPCC alerta para os riscos do aquecimento global, prevendo escassez de água e fome para milhões de pessoas nas próximas décadas (IPCC, 2022).

Diante desse cenário, o design deve decidir entre continuar a projetar sistemas insustentáveis ou adotar uma abordagem que promova a vida em todas as suas formas. Este trabalho propõe o Design Estratégico Regenerativo (DER) como um meio de transitar de uma cosmovisão antropocêntrica para uma biocêntrica, e de uma cultura degenerativa para uma regenerativa.

O Design Estratégico busca criar significado em níveis individuais e coletivos, promovendo sustentabilidade em produtos, serviços e sistemas (Franzato et al., 2015; Meroni, 2008). Ele valoriza a inovação social e a co-criação, propondo cenários a partir de visões compartilhadas e abordagens de co-design (Meroni, 2008). Ao incorporar uma cultura regenerativa, o DER propõe mudanças ontológicas, epistemológicas e metodológicas, inspiradas nas relações naturais e na epistemologia ecofeminista, buscando resgatar a espiritualidade e reverenciar a sacralidade da vida.

A metodologia de pesquisa utilizada neste trabalho foi a revisão bibliográfica não sistemática, por se tratar de uma abordagem em que se explora uma variedade de fontes de maneira mais flexível, buscando compreender um tema por meio da análise de diversos trabalhos relevantes. Ela permite uma abordagem mais exploratória, no caso para os temas emergente de cultura regenerativa a partir de epistemologias do sul global. A partir da identificação dos autores fundantes dos temas, aprofundamos nas referências por eles apontadas e nos diálogos entre os pensadores que abordam o tema.

Os estudos sobre Design Regenerativo são escassos no Brasil. Cabe destacar que esta pesquisa foi conduzida simultaneamente à de Natalí Garcia (2022), que explorou a interseção entre o Design Regenerativo e o Design Estratégico por meio do conceito das Três Ecologias de Guattari. Seu trabalho, intitulado *Regeneração e as Três Ecologias de Guattari: exploração e experimentação para o desenvolvimento do Design Estratégico* (GARCIA, 2022), desempenha um papel significativo no presente estudo, uma vez que compartilharmos a mesma orientação acadêmica e participamos ativamente da pesquisa de campo. No entanto, embora ambas as pesquisas se debrucem sobre o Design Estratégico Regenerativo, elas adotam perspectivas epistemológicas distintas: enquanto Garcia fundamentou sua investigação nas Três Ecologias de Guattari, este estudo se ancora nos conceitos de Bem Viver (Acosta, 2016), Ecofeminismo



(MIES & SHIVA, 2014) e Pensamento integral, ecológico e sistêmico (Meadows, 2009; Lovelock, 2016; Wilber, 2017).

Nas seções seguintes, será apresentada a abordagem do Design Estratégico Regenerativo adotada por esta pesquisa.

2. Bases ontológicas e epistemológicas do Design Estratégico Regenerativo

A proposta de um Design Estratégico Regenerativo parte da compreensão de que o Design elabora estratégias organizacionais, a partir de coletivos criativos, para criar inovações sociais que geram transformações nos modos de vida em sociedade na direção da manutenção das diversas formas de vida na Terra. Opera a partir de uma ontologia biocêntrica, que considera todas as formas de vida sagradas e interconectadas, que devem ser respeitadas para que o equilíbrio dos ecossistemas se mantenha, e a Terra tenha condições de se regenerar. Os autores que fundamentam essa ontologia, aproximaram a ciência e a espiritualidade na proposição de uma ecologia profunda, na qual uma mudança de consciência, de natureza espiritual, nos leva a reconexão com a nossa verdadeira natureza interdependente de todas as formas de vida. Não somos separados das montanhas, precisamos pensar como montanhas (Seed, 2021). Essa ontologia é a base do pensamento indígena no qual a Natureza é reverenciada por sua inteligência e consciência (Krenak, 2020; Wera, 2023;).

Este estudo se ancora nos conceitos de Bem Viver (Acosta, 2016), Ecofeminismo (Mies & Shiva, 2014) e Pensamento Integral, Ecológico e Sistêmico (Meadows, 2009; Lovelock, 2016; Wilber, 2017) cada um desempenhando um papel fundamental na estrutura conceitual da pesquisa.

- **Bem Viver como ontologia:** O Bem Viver, inspirado nas cosmovisões indígenas andinas, é adotado aqui como base ontológica, pois define a maneira como a realidade e a existência são compreendidas. Ele propõe uma visão de mundo baseada na interdependência, na harmonia entre seres humanos e natureza, e na recusa da lógica extrativista e individualista do sistema hegemônico. Nesta perspectiva, a Terra não é um recurso a ser explorado, mas um ser vivo com o qual os humanos devem estabelecer relações de respeito e reciprocidade.
- **Ecofeminismo e Pensamento Integral, Ecológico e Sistêmico como bases epistemológicas:** A partir dessa ontologia, a pesquisa se fundamenta em uma epistemologia que busca integrar diferentes formas de conhecimento. O Ecofeminismo (Mies & Shiva, 2014) fornece uma lente crítica para compreender as relações de poder que sustentam a exploração da natureza e das mulheres, enfatizando a necessidade de uma perspectiva regenerativa e não hierárquica. Já o Pensamento Integral, Ecológico e Sistêmico permite uma abordagem que transcende a fragmentação disciplinar, reconhecendo a interconectividade entre os sistemas vivos e as múltiplas dimensões da realidade.

Dessa forma, o Bem Viver estrutura a visão fundamental sobre a existência (ontologia), enquanto o Ecofeminismo e o Pensamento Integral, Ecológico e Sistêmico fornecem os referenciais epistemológicos e metodológicos que orientam a produção do conhecimento nesta pesquisa. Nas próximas sessões, esses conceitos serão aprofundados.



2.1 Bem viver

O Bem Viver é um conceito fundamentado na cosmovisão andina, pautada no equilíbrio, na harmonia e na convivência entre os seres. Na harmonia entre o indivíduo com ele mesmo, entre o indivíduo e a sociedade, e entre a sociedade e o planeta com todos os seres” (Acosta, 2016, p. 15). Defende que as decisões e projetos não devem focar exclusivamente nos humanos, mas sim no “ser humano vivendo em comunidade e harmonia com a Natureza” (Acosta, 2016, p. 27).

Acosta (2016), autor de 'O Bem Viver', político, economista e defensor dos 'Direitos da Natureza' na Constituição do Equador, apresenta essa visão como uma alternativa à cultura capitalista. Originada nos povos indígenas andinos do Equador e Bolívia, conhecidos como Sumak Kawsay em quéchua e Suma Qamaña em Aymara, respectivamente, ela propõe uma sociedade com laços comunitários sólidos, fundamentada em solidariedade, compartilhamento, e onde a natureza é considerada sujeito, não objeto (Acosta, 2016).

Dessa forma, o Bem Viver emerge das lutas sociais de povos indígenas, camponeses, afrodescendentes, ambientalistas, mulheres e jovens, que coletivamente buscavam uma nova forma de vida (Gudynas & Acosta, 2011; Acosta, 2016). Segundo Escobar (2016), essa cosmovisão desafia a noção ocidental de desenvolvimento e progresso, tendo um sistema econômico centrado em critérios como dignidade humana e justiça socioambiental. Além de ser uma filosofia que transcende seu berço latino-americano, influenciando outras correntes de pensamento e desafiando a cultura capitalista de extrativismo, progresso linear e crescimento (Escobar, 2016).

Acosta (2016) destaca que a cultura do Bem Viver, oriunda dos povos indígenas, é intrinsecamente decolonial e feminista, baseando-se em uma cosmovisão não ocidental e não capitalista que propõe uma nova cultura civilizatória. Além disso, adota uma visão não antropocêntrica, reconhecendo o valor da natureza independente de seu uso pelo ser humano, e compreendendo que é fundamental para a sustentação da vida no planeta.

Isso implica que todos os seres vivos têm o mesmo valor ontológico, apesar de sua diversidade. A Natureza não é considerada intocável, mas atividades como cultivos, pesca e criação de animais devem ser analisadas dentro de uma perspectiva ecossistêmica saudável, considerando seus impactos e relações com os demais.

Esse entendimento sobre a vida, a natureza e suas interrelações, carregado de sacralidade e espiritualidade, está presente no Ecofeminismo, que trata a Terra como nossa 'grande mãe', fornecedora de vida, nutrição e sustento, papel desempenhado tanto pela natureza quanto pelas mulheres (Mies & Shiva, 2014). O Ecofeminismo, apresentado a seguir, será a base epistemológica que guiará a produção de conhecimento e desenvolvimento metodológico do Design Estratégico Regenerativo, que ressoa com a ontologia biocêntrica do bem-viver.

2.2 Ecofeminismo

Vandana Shiva, renomada ecofeminista e defensora da cultura do Bem Viver, já em 1988, em seu livro 'Staying Alive: Women, Ecology and Development', alertava que o discurso de progresso era a nova "roupagem" do projeto patriarcal ocidental de pós-colonização (Shiva, 1988). Para ela, o colonialismo é crucial para o crescimento do capitalismo, baseado na



exploração ou exclusão de mulheres (ocidentais e não ocidentais), na “degradação da natureza e na erosão de outras culturas” (Shiva, 1988, p. 1).

Nesse contexto, o ecofeminismo estabelece uma conexão direta entre as ações humanas e a crise ambiental. Essa abordagem entrelaça o ativismo feminista e ecológico, ressaltando a preocupação com a dominação masculina sobre mulheres e natureza. Surgido na década de 1970 como parte do movimento feminista, o termo foi cunhado por Françoise d'Eaubonne em 1974, quando clamou por uma revolução feminista para assegurar a sobrevivência ecológica global.

Nesta pesquisa seguiremos a perspectiva de Howell (1997), que considera o ecofeminismo como uma epistemologia que defende igualmente os direitos dos seres humanos e da Natureza. Essa epistemologia enxerga mulheres, povos excluídos e a natureza como vítimas de opressão, exploração e injustiça. Assim, para fundamentar adequadamente o conceito neste trabalho, serão apresentados quatro princípios básicos delineados pela autora, moldando o pensamento ecofeminista (Howell, 1997).

O primeiro princípio destaca que a **transformação social** é crucial para a sobrevivência e a justiça, promovendo igualdade, diversidade cultural, não-violência e estabelecendo instituições participativas e não hierárquicas. Isso requer a substituição do poder hierárquico por relações de reciprocidade e solidariedade, formando um movimento descentralizado que se oponha a todas as formas de opressão e dominação.

O segundo princípio advoga que a transformação social deve incluir uma mudança intelectual, rejeitando a lógica normativa baseada em dualismos e hierarquias estereotipadas. O Ecofeminismo propõe um **pensamento holístico, integral e sistêmico**, oposto ao dualismo que favorece a dominação de pessoas sobre pessoas e sobre a natureza.

O terceiro princípio adota a ciência da ecologia como base, valorizando a natureza por sua virtude intrínseca, em contraste com a visão capitalista que a percebe apenas como fonte de matéria-prima. A **perspectiva ecológica** destaca a importância da diversidade para a sobrevivência, reconhecendo todas as espécies como essenciais para a saúde e equilíbrio biológico da biosfera.

Por fim, o quarto princípio defende não apenas a diversidade de espécies, mas também a **diversidade humana**, reconhecendo o valor intrínseco e a subjetividade de mulheres, pessoas de cor e pobres. Além disso, destaca a importância de reconhecer e superar formas hierárquicas de dominação cultural, sexual, religiosa e outras.

A dimensão espiritual é uma parte integrante da abordagem ecofeminista, alinhando-se à perspectiva dos povos indígenas que veem a Mãe Terra como um ser sagrado. Isso resgata crenças ancestrais que respeitavam e honravam a natureza e seus ciclos, reconhecendo que a sobrevivência humana está intrinsecamente ligada a ela. Para realizar essa transformação cultural, é crucial resgatar os valores e saberes presentes nas visões espirituais e formas de vida de muitos dos povos indígenas. Wahl (2020) destaca que uma cultura regenerativa deve olhar para o futuro, resgatando os valores espirituais dos saberes ancestrais para alcançar um planeta justo, próspero, resiliente e sustentável para todos. Assim, a proposta de um Design Estratégico Regenerativo é construída a partir da ontologia biocêntrica que considera as dimensões materiais e espirituais da Natureza como direcionadoras de um pensamento holístico, integral, sistêmico e ecológico para promover a transição em direção a regeneração cultural necessária para que modos de vida mais harmônicos entre as diferentes espécies, suas inteligências e sensibilidades possam emergir. A seguir, serão apresentadas as bases de um pensamento sistêmico, integral e ecológico.



2.3 Pensamento integral, ecológico e sistêmico

Nosso planeta não é uma máquina, ele é um ecossistema, um organismo vivo (Lovelock, 2016). Desta compreensão decorre que todos os atores e elementos que fazem parte desse ecossistema planetário apresentam uma relação de interdependência. E em sendo um organismo vivo, possui inteligência e Consciência. O ser humano é apenas um integrante desse organismo vivo, que precisa aprender a conviver respeitosamente com outras formas de vida que interagem nesse mesmo organismo. A visão integral considera os níveis de consciência interior-individual, exterior individual, interior-coletivo e exterior coletivo, na relação do eu, com a cultura e a natureza (Wilber, 2017). Da interconexão dos sistemas individuais, sociais e naturais emerge a ecologia integral. Para operar metodologicamente essa visão, é necessário outro tipo de pensamento: o pensamento sistêmico. Donella Meadows (2009) no livro ‘Thinking in Systems: A Primer’ apresenta o pensamento sistêmico, que enfatiza a necessidade de entender os sistemas em sua totalidade, reconhecendo as interconexões e a interdependência de todos os elementos. Meadows (2009) enfatiza a importância do pensamento sistêmico para enfrentar desafios globais como mudanças climáticas, pobreza e desigualdade social. Ela argumenta que compreender e modificar sistemas vai além de apenas analisá-los; envolve perceber as interações e potencial para mudança que podem ajudar a atingir objetivos específicos. Na mesma direção, Wahl (2020) propõe que ao analisar um sistema, ao invés de olhar para suas partes, é necessário entender esse sistema e suas relações e a partir dali explorar soluções ganha-ganha-ganha a fim de melhorar a saúde geral e a sustentabilidade daquele sistema como um todo. Reconhecer as relações de interdependência dos elementos de um sistema é a base do pensamento sistêmico. Desviamos o olhar dos elementos para as relações que se estabelecem entre os elementos. Portanto, este trabalho sublinha a importância do pensamento sistêmico como um dos fundamentos do DER. Como uma proposta de design que integra cuidado, conexão e atenção às questões ambientais e sociais, promovendo inovações socioambientais. O DER transcende a visão centrada apenas no humano (elemento) para uma visão ecossistêmica (das relações entre humanos e mais que humanos) para um bem viver de todos (ecologia integral).

Assim, o DER considera que a sustentabilidade não é suficiente. É preciso promover a regeneração, reconectando os seres humanos com a vida, o bem-estar e a natureza. Destaca-se por enfatizar o sentir, observar e intuir, onde perguntas ao longo do processo orientam a jornada projetual, e são guiadas por princípios que servem direcionadores do projeto.

A proposta amplia o olhar do design estratégico, incluindo novos elementos, como indicado na Figura 1.



Figura 1 - Design Estratégico x Design Estratégico Regenerativo

Fonte: Elaborado pelas autoras

Na próxima sessão, apresentamos as bases para operar um Design Estratégico Regenerativo desta perspectiva onto-epistemológica.

3. Princípios Metodológicos

O Design Estratégico Regenerativo (DER) é fundamentado em 12 princípios que são essenciais para orientar uma jornada projetual que não só respeita a interconexão e a complexidade dos sistemas em que operamos, mas também promove uma cultura de regeneração e sustentabilidade. No quadro 1 são apresentados os doze princípios que orientam a proposta do DER, cada um refletindo a necessidade de uma abordagem integral e responsável no design (Quadro 1):

Quadro 1 - Princípios para uma jornada regenerativa

dimensões	princípios
Ontológica Bem Viver	- colaborativo - solidário - decolonial - partilha justa
Epistemológica Ecofeminismo	- equitativo - diverso - inclusivo

	- não violento
Metodológica	- relacional
Pensamento sistêmico	- contextual
	- adaptativo
	- dinâmico

Fonte: Elaborado pelas autoras

Assim, uma jornada de design estratégico regenerativa é:

- *Colaborativa* – Promove a cooperação coletiva, onde todos os membros trabalham conjuntamente para alcançar objetivos comuns, fortalecendo o trabalho em equipe e a sinergia;
- *Solidária* – Foca no cuidado e na empatia pelos outros, especialmente aqueles em desvantagem, oferecendo suporte e assistência quando necessário;
- *Decolonial* – Valoriza conhecimentos e recursos locais, desafiando as perspectivas reducionistas, patriarcais e capitalistas tradicionais;
- *Partilha justa* – Advoga contra o acúmulo de riquezas, promovendo a distribuição equitativa de recursos e excedentes para todos;
- *Equitativa* – Ressalta a importância da igualdade entre todos os seres, rejeitando hierarquias naturais e promovendo respeito mútuo entre todos os elementos do sistema;
- *Diversa* – Encoraja a inclusão de uma ampla diversidade de gêneros, etnias, culturas, histórias e habilidades, o que enriquece e fortalece projetos e sistemas;
- *Inclusiva* – Garante que todas as vozes sejam ouvidas e todos os saberes respeitados, contribuindo para um ambiente acolhedor e participativo;
- *Não violenta* – Oposição a qualquer forma de subjugação, exploração e destruição, seja de indivíduos, conhecimentos, culturas ou da natureza.
- *Relacional* – Enfatiza que todas as partes de um sistema são interconectadas e interdependentes. Modificações em uma parte impactam o todo, reforçando que os elementos não podem ser considerados isoladamente;
- *Contextual* – Considera o ambiente em que o sistema está inserido, incluindo recursos disponíveis, características e habilidades dos elementos. A mudança no contexto implica mudança nos elementos do sistema;
- *Adaptativa* – Destaca a capacidade de um sistema se reorganizar e alcançar equilíbrio após alterações, promovendo resiliência e auto-organização diante de mudanças;
- *Dinâmica* – Sublinha que os sistemas vivos estão em constante movimento, onde mudanças em uma área provocam alterações em outras, evidenciando a não estática do sistema;

Estes princípios não apenas orientam a abordagem do Design Estratégico Regenerativo, mas também estabelecem um caminho para uma prática de design que seja verdadeiramente transformadora, ética e sustentável. Ao sugerir esses princípios, o DER se propõe a criar soluções que respondam de maneira eficaz e responsável aos desafios contemporâneos, fomentando um futuro em que a regeneração e a coexistência sejam a norma.



Esta abordagem está intrinsecamente ligada aos movimentos que caracterizam a jornada do DER, garantindo que cada passo dado esteja alinhado com a visão de uma prática regenerativa. A transição para a próxima etapa da implementação do DER é marcada pela introdução dos "movimentos", que são essenciais para a dinâmica do processo.

4. Discussões

O Design Estratégico Regenerativo busca criar significado em níveis individuais e coletivos, propondo cenários para a vitalidade dos ecossistemas a partir de visões construídas e compartilhadas coletivamente, reverenciando a sacralidade da vida. Como Donella Meadows (2009; p.169-70) aponta:

“o futuro não pode ser previsto, mas pode ser imaginado e concretizado afetuosamente [...] podemos ouvir o que o sistema nos diz e descobrir como as suas propriedades e os nossos valores podem trabalhar em conjunto para criar algo muito melhor do que jamais poderá ser produzido apenas pela nossa vontade.”

A capacidade de compartilhar com os seres da natureza a nossa potência criativa, para imaginar cenários capazes de promover a vitalidade dos ecossistemas só pode ser alcançada se por princípio estabelecermos outro modo de estar no mundo, que seja não-violento, diverso, inclusivo e equitativo. Como nos relacionaremos com os contextos para os quais projetamos, quem chamamos para fazer parte do projeto e quais vozes são ouvidas e respeitadas são questões para iniciar qualquer aproximação com um projeto de design estratégico regenerativo. Concretizar afetuosamente os futuros requer uma abordagem não-violenta e solidária por princípio. Para que o futuro regenerativo se concretize é necessário que uma coletividade esteja envolvida na construção dessa visão, o sonho que se sonha junto pode virar realidade. Para isso, é necessário, por princípio zelar pelos saberes e recursos locais que sustentam a visão, mais que o repertório de vida dos projetistas. É sobre escutar, aprender e cooperar para que os resultados do projeto sejam equitativos para todos os participantes (humanos e mais que humanos). E isso só é possível se os projetistas romperem com a matriz de pensamento linear e abraçarem a visão integral, operada por um pensamento sistêmico. Ater-se aos princípios é fundamental para que o percurso projetual seja exitoso.

5. Considerações Finais

A proposta do Design Estratégico Regenerativo (DER) é apresentada como uma abordagem integral e inovadora capaz de responder aos complexos desafios contemporâneos, marcados por crises interconectadas nas esferas social, ambiental e econômica. O que seria um aprofundamento ao Design Estratégico através da integração de princípios regenerativos e movimentos operacionais estratégicos. O DER busca não apenas mitigar os impactos negativos dos paradigmas industriais e capitalistas, mas também promover uma transformação profunda e sustentável nos sistemas de design e desenvolvimento.

Assim, os princípios regenerativos que guiam os movimentos propostos e são derivados da base conceitual do DER (pensamento sistêmico, bem viver e ecofeminismo), formam a espinha dorsal da proposta de uma jornada rumo a um design regenerativo.

A operação projetual por meio desses princípios é crucial para transcender os antigos paradigmas do design, que frequentemente priorizavam o lucro em detrimento do bem-estar humano e ecológico. O DER propõe uma mudança de paradigma, onde a regeneração de



sistemas sociais e culturais é vista como o objetivo central do design. Este novo paradigma, fundamentado na cultura regenerativa, enfatiza a importância de regenerar não apenas o ambiente físico, mas também as relações sociais, a cultura e as estruturas econômicas.

Em resumo, o Design Estratégico Regenerativo apresentado neste trabalho é uma abordagem que coloca o bem-estar e o cuidado com a vida no centro das decisões, oferecendo um caminho projetual para enfrentar os desafios do nosso tempo. Este é um convite à ação para designers, comunidades e organizações para co-criar futuros que sejam não apenas sustentáveis, mas verdadeiramente regenerativos e justos para todos os seres que compartilham nosso planeta.

Referências

ACOSTA, Alberto. The Good Living: An opportunity to imagine another world. In: Sousa, C. M. (Org.), **An invitation to utopia** (pp. 203-233). Campina Grande: EDUEPB, 2016

AKAMA, Yoko; HAGEN, Penny; WHAANGA-SCHOLLUM, Desna. Problematizing Replicable Design to Practice Respectful, Reciprocal, and Relational Co-designing with Indigenous People. **Design and Culture**, 11(1), 59-8, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17547075.2019.1571306>

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseño**: La realización de lo comunal. Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016.

ESCOBAR, Arturo. **Pluriversal Politics**: The Real and the Possible. London: Duke University Press, 2020.

FRANZATO, Carlo, et al. Inovação Cultural e Social: design estratégico e ecossistemas criativos. In: Freire, Karine. (Org.), **Design Estratégico para a Inovação Cultural e Social** (pp. 1-17). São Paulo: Kazuá, 2015.

FREIRE, Karine de Mello. From strategic planning to the designing of strategies: a change in favor of strategic design. **Strategic Design Research Journal**, 10(2), 91-96, 2017. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/sdrj/article/view/sdrj.2017.102.01>

GARCIA, Natali. Regeneração e as três ecologias de Guattari: exploração e experimentação para o desenvolvimento do Design Estratégico. 2022. **Dissertação** – Design – Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), Porto Alegre, 2022.

GUDYNAS, Eduardo; ACOSTA, Alberto. La renovación de la crítica al desarrollo y el buen vivir como alternativa. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, 16(53), 71-83, 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/237031854>

HOWELL, Nancy. Ecofeminism: what one needs to know. **Zygon**, 32(2), 167-176, 1997.

IPCC. Summary for Policymakers [H.-O. Pörtner, D.C. Roberts, E.S. Poloczanska, K. Mintenbeck, M. Tignor, A. Alegría, M. Craig, S. Langsdorf, S. Löschke, V. Möller, A. Okem (eds.)]. In: **Climate Change 2022: Impacts**, 2022.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do Bem Viver**. São Paulo: Cultura do Bem Viver, 2020.

LOVELOCK, James. **Gaia: A New Look at Life on Earth**. Oxford University Press, 2016.

MANZINI, Ezio. **Design para inovação social e sustentabilidade: Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.



MANZINI, Ezio; JÉGOU, François. **Sustainable everyday: scenarios of urban life**. Milano: Edizioni Ambiente, 2003.

MANZINI, Ezio. **Design quando todos fazem design**: uma introdução ao design para a inovação social. São Leopoldo: Unisinos, 2017.

MEADOWS, Donella. **Thinking in Systems**. London: Earthscan, 2009.

MERONI, Anna. Strategic design: where are we now? Reflection around the foundations of a recent discipline. **Strategic Design Research Journal**, 1(1), 31-38, 2008.

MIES, Maria; Shiva, Vandana. **Ecofeminism**. Zed Books Ltd., 2014.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. O ano de 2024 foi o mais quente da história e o primeiro a exceder 1,5 °C de aquecimento acima do nível pré-industrial. **National Geographic Brasil**, 2025. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2025/01/o-ano-de-2024-foi-o-mais-quente-da-historia-e-o-primeiro-a-exceder-15degc-de-aquecimento-acima-do-nivel-pre-industrial>. Acesso em: 02 fev. 2025.

SEED, John. Ecologia Profunda. In: KHOTARI, A.; SALLEH, A.; ESCOBAR, A.; DEMARIA, F.; ACOSTA, A. (Org.). **Pluriverso: um dicionário do pós-desenvolvimento**. São Paulo: Editora Elefante, 2021. p. 288-291.

SHIVA, Vandana. **Staying Alive: Women, Ecology and Development**. New Deli: Kali for women, 1988.

WERÁ, Kaka. **Tekoá: uma arte milenar indígena para o bem-viver**. São Paulo: BestSeller, 2024.

WILBER, Ken. **A Visão Integral**: uma Introdução à Revolucionária Abordagem Integral da Vida, de Deus, do Universo e de Tudo Mais. São Paulo: Cultrix, 2017.